

OS NOSSOS MORTOS

Dr. JOSÉ LINO DA JUSTA

Grande perda sofreram as letras cearenses com a morte do Dr. José Lino da Justa, aos 89 anos de idade, ocorrida no Rio de Janeiro a 22 de Abril de 1952. Desde a sua mocidade, ainda estudante da Faculdade de Medicina da Bahia, ao lado de Paula Nei e Manuel Vitorino, sua inteligência deu os mais vivos sinais de valia, tomando parte em todos os certames literários na tradicional cidade do Salvador. Foi de ver o entusiasmo com que se deu á cruzada abolicionista, fazendo da sua pena a clava do bom combate, nas justas da imprensa em prol da redenção da raça oprimida.

Formado em medicina, voltou ao Ceará, que se fizera, então, o reducto da púgna magnífica e donde já havia partido o primeiro grito de libertação da escravatura, no seu território, a 25 de Março de 1884, com antecipação de 4 anos da gloriosa lei áurea de 1888.

Na "Gazeta da Tarde", no "Norte", no "Diário do Ceará" e outros periódicos, firmou a sua reputação de jornalista sempre a serviço das belas causas.

No campo das letras, principalmente, foi que seu nome teve invejável projecção. No seu tempo, não houve movimento beletrístico em que o Dr. José Lino da Justa não tomasse parte ativa e brilhante. Fundando, com outros, o "Centro Literário" que paralelamente com a "Padaria Espiritual", reuniu os melhores valores mentais da nossa terra, esse ilustre homem de letras se destacou como um dos oradores mais eloquentes da sua geração. Aí estão os seus discursos como prova inconcussa desta assertiva. Dentre numerosas orações, lembramos a da homenagem a Carlos Gomes (1896); a da inauguração da estátua do General Sampaio (1900); a da festa do centenário do Ceará (1903); a da estátua de Pedro II (1921); a da Confederação do Equador (1924), proferida na Câmara Federal como representante do Ceará e tantas outras que constituem um excelente padrão de eloquência e cultura. As suas conferências literárias ficaram como obra de notavel valor: — *Pedro II e o Ceará*; *A questão Social e o cooperativismo*; *A religião católica como vinculo da unidade e*

grandeza territorial do Brasil; e muitas outras que são manifestações da sua aprimorada cerebração. Trabalhador infatigável, copiosa é a sua bibliografia, versando os mais variados assuntos (medicina, sociologia, letras e história). Foi uma existência dignificada pelas mais nobres virtudes morais e intelectuais.

JOAQUIM ALVES

No dia 8 de Junho de 1952 faleceu nesta capital o ilustre escritor cearense Joaquim Alves, membro efetivo da *Academia Cearense de Letras* e do *Instituto do Ceará*.

Foi uma figura de autêntico merecimento que nos círculos literários de Fortaleza grangeou justa notoriedade, pela realização de uma obra importante que firmará seu nome entre as mais belas expressões mentais de nossa terra.

Lançando-se a assuntos de grande monta e responsabilidade no campo dos fenômenos sociais, econômicos e educacionais, conseguiu deixar uma notável bagagem literária como se pode ver dos seus livros: “*Nas Fronteiras do Nordeste*” (1929); *Estudos de Pedagogia Regional* (1939); “*O Vale do Cariri*” (1948); “*Juazeiro, cidade mística*” (1949); “*Autores Cearenses*” (1949); “*Ceará e suas Regiões Naturais*” e “*História das Secas*”, a publicar. Além disso, farta e variada colaboração permanente se acha em jornais e revistas, que dará outros tantos volumes interessantes.

Na maior simplicidade e modéstia, sem a vaidade dos que fazem do saber um monopólio, exerceu Joaquim Alves o melhor de sua atividade mental evitando alarde em torno de sua pessoa, com a nobre compreensão da dignidade do seu destino entre os seus semelhantes.

Assim foi que, apesar da diferença de mais de vinte anos, tomou parte saliente entre os rapazes de “Clã” e da ABDE”, confundindo-se com eles, no esforço comum desse movimento da mocidade cearense em prol do engrandecimento das nossas letras. F. no cooperar com esse grupo, debatia as questões suscitadas com vivacidade de ânimo como se fôsse o mais jovem de todos. Daí porque a sua morte causou profunda consternação entre os seus companheiros e a revista “Clã” dedicou-lhe páginas de tocante homenagem.

No “Instituto do Ceará” ou na “Academia Cearense de Letras”, foi, também, um dos elementos mais profícuos e brilhantes. Com todas as iniciativas ou deliberações compartilhava, assiduamente, com aquele entusiasmo e alegria que eram as características principais do seu sadio espírito sempre disposto ao trabalho e aos cometimentos altruísticos. Sua morte deixou um vazio difícil de preencher. Grande foi a tristeza da perda do magnífico companheiro, que continuará a viver na saudade de todos nós.